Apresentação da edição especial Seminário Design.com 3: cartografias, copesquisas, narrativas

De que maneira apreender as coisas em processo? Como construir nossas pesquisas em busca da produção de espaços mais democráticos? Como estamos contando nossas histórias e dos outros? O processo de pesquisa envolve diferentes questões diante das realidades com as quais pesquisadoras e pesquisadores estão lidando. A pesquisa acadêmica de pós-graduação nas escolas de design do país é bastante jovem se comparada com os anos de tradição da área do design. Por estar consolidando suas tradições, consegue acompanhar mais de perto esse momento que, para além da crise político-social-econômica pela qual a universidade passa, em termos de produção, encontra a universidade em processo rico de repensar e mesmo propor novas metodologias e práticas. São práticas que procuram não pacificar as questões que nos são colocadas em campo, buscando apreender as turbulências na pesquisa e o lugar de pesquisadores no processo de mudança.

Em 2018, entre os dias 24 e 26 de abril, foi realizada a terceira edição do Seminário Design.com que vem explorando conexões, expansões e articulações do design com outras áreas para pensá-lo de modo transdisciplinar. O seminário propôs um encontro sobre os modos de fazer e pesquisar, focado, em seu primeiro dia, nos diferentes modos de compreender e praticar o que tem se chamado de cartografias; no segundo dia, numa discussão sobre modos de apreender processos, copesquisas voltadas ao pesquisarCOM; e finalizando, no terceiro dia, com uma conversa sobre a importância e o papel criador das narrativas na pesquisa. Participaram dos debates: Daniele Caron (GPIT-PPGPUR-UFRGS), Katia Aguiar (PPGPSI-UFF) e Ricardo Basbaum (IACS-UFF), Marcia Moraes (Entre-Redes, PPGPSI-UFF), Leonardo Caldi (UVA) e Soraya Simões (IPPUR-UFRJ), Daniela Cidade (GPIT-PPGPUR-UFRGS), Abrahão Santos e Viviane Pereira (PPGPSI-UFF), Mariana Pimentel e Guto Macedo (Coletivo Corposições).

O presente dossiê retoma essas temáticas com alguns dos participantes das mesas e convidando outros pesquisadores e pesquisadoras

a colaborar com a temática. Desse modo Abrahão Santos e Viviane Pereira (Laboratório Kitembo/PPGPSI/UFF), abrem os caminhos dos textos trazendo exu, o “senhor dos caminhos, das encruzilhadas, da comunicação” para propor um modo de “pesquisar a partir de saberes tradicionais como o jongo, a capoeira, o terreiro”, a oralidade e a oralitura e nos fazer pensar como temos usado nossa língua, linguagem, comunicação, enfim nossas pesquisas. Os autores propõem que a pesquisa precisa criar, mais do que um plano comum, mas um “plano de comunidade”, com a participação da comunidade, uma comunidade viva. A participação e importância do pesquisar com uma comunidade viva aparece também no texto de Mariana Costard (LaDA/ESDI/UERJ) que traz “reflexões sobre a experiência transdisciplinar de uma “educação cartográfica” desenvolvida no Colégio de Aplicação da UERJ a partir do projeto “Rio Comprido: o bairro que nos une”. A cartografia aparece aqui como um tornar presente as pessoas, o bairro, a cidade e sua construção coletiva e, em especial, as crianças e como elas vivem naquele território, como coautoras do processo de educação. A presença da relação com diferentes territórios da cidade e de comunidades atravessa os textos de modo geral, Andreia Menezes de Bernardi, Edson José Carpinteiro Rezende, Mateus Antônio Alves (Escola de Design, UEMG) e Pedro Antônio Ramalho Vilela (UEMG) visibilizam as práticas, arquiteturas, monumentos e movimentos culturais e identitários da região do Complexo da Lagoinha em Belo Horizonte, a partir de processos de design que, através de uma “escuta atenta” estimulem o desenvolvimento “da autonomia e protagonismo” das comunidades daquele território “frente aos desafios atuais”. Escuta atenta que pode ser percebida também no texto de Daniele Caron (GPIT/UFGRS) ao borrar “a racionalidade do discurso urbanístico” a partir de uma “coreografia da paisagem, um agenciamento entre a experiência narrada e os grafismos do território”. Já Raphaella Fagundes Daros (PPGP/UFES) nos traz a narrativa a partir da afirmação de “uma certa política da escrita” que “se debruça sobre a produção de memórias e narrativas” para a constituição de uma pesquisa e uma narrativa povoada. É o que nos traz também Daniela Cidade (GPIT/UFGRS) ao nos apresentar as narrativas produzidas por moradores de rua sobre o território e o espaço a partir das fotografias da cidade de Porto Alegre realizadas por eles. Já no caso de Talita Tibola (PNPD/ESDI/UERJ) e Flavia Secioso (ESDI/UERJ) a conversa é com a cidade do Rio de Janeiro que nos apresentam uma reflexão sobre fatores necessários a serem considerados no momento em que o designer ou pesquisadores de modo geral realizam uma intervenção na cidade com intuito investigativo e que, portanto, requer a participação das pessoas que vivem ali, para as autoras abrangendo todos esses fatores está a profunda relação e conhecimento daquele território.

Agradecemos a todos os participantes, palestrantes e autores. Um agradecimento especial também às pesquisadoras do Laboratório de Design e Antropologia que colaboraram com a realização do seminário. Esperamos que esse trabalho coletivo permita que vocês possam aproveitar essas narrativas voltadas para uma pesquisa povoada e em contato com as pessoas, territórios e cidades.

Talita Tibola, Camille Moraes, Pedro Biz e Barbara Szaniecki
Organizadores do dossiê